

Organização textual e argumentação aplicadas ao gênero “coluna jornalística”

Textual organization and discussion applied to the “journalistic column” genre

Organización y argumentación textual aplicadas al género “columna periodística”

Igor Frontelmo Mendonça¹
João Antônio Lopes da Silva²

Resumo: O presente trabalho relata a experiência didática vivenciada na realização da oficina “Organização textual e argumentação aplicadas ao gênero ‘coluna jornalística’”. Neste sentido, expõe os contextos da parceria desenvolvida entre PIBID e extensão. A oficina foi realizada através de parceria entre pibidiano e extensionista, ambos matriculados na disciplina LET 438 (Gêneros Discursivos) e estudantes do curso de graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa, sendo também uma reflexão sobre possibilidades de formas de desenvolver extensão universitária. Para a realização da oficina, apoiou-se em teorias sobre os gêneros discursivos, conforme Bakhtin (2010), sobre as noções textuais propostas em Abreu (1994), Costa Val (1994) e Garcia (2015). A oficina teve como objetivo aprimorar habilidades textuais ligadas à argumentação e à organização textual através da leitura e de conhecimentos sobre o gênero “coluna jornalística”. Para alcançar esse objetivo, utilizou-se da metodologia “sequências didáticas”, conforme Barbosa (2017). A aplicação da oficina ocorreu em uma escola contemplada com o PIBID da rede estadual em Viçosa (MG). A partir dos resultados, pode-se perceber como é possível fomentar uma visão crítica das produções midiáticas e como o gênero “coluna jornalística” pode ser uma ponte para o ensino da argumentação.

Palavras chaves: Gêneros Midiáticos. Argumentação. Ensino de Língua Portuguesa.

Abstract: This project reports the experience undergone in the making of the workshop “Textual organization and discussion applied to the “journalistic column” genre”. In this manner, it exposes the context of the partnership developed between PIBID and extension. The workshop developed was a partnership between “pibidiano” and “extensionist”, both enrolled on the LET 438 (Discursive Genres) subject and both students of the Language course of the Federal University of Viçosa, also being a reflection on the possibilities of ways of applying the university extension. For the development of the workshop, the theories on discursive genres were relied on, as on Bakhtin (2010), on textual notions proposed by Abreu (1994), Costa Val (1994) and Garcia (2015). The workshop had the objective of improving textual skills tied to discussion and textual organization through reading and knowledge on the “journalistic column” genre. For reaching this objective, the “didactic sequences” methodology, as on Barbosa (2017). The application of the workshop happened in a school gifted with PIBID from the state network of Viçosa (MG). Through the results, it could be perceived how it is possible to promote a critical view of mediatic productions and how the “journalistic column” genre is a bridge to the teaching of discussion.

Keywords: Mediatic Genres. Argumentation. Teaching of Portuguese Language.

¹ Graduando em Letras – Português/Inglês (Licenciatura) pela Universidade Federal de Viçosa, MG. E-mail de contato: igor.mendonca@ufv.br.

² Graduando em Letras – Português e literaturas de língua portuguesa (Licenciatura) pela Universidade Federal de Viçosa, MG. E-mail de contato: joao.silva20@ufv.br



Resumen: El siguiente proyecto relata la experiencia vivida en la realización del taller “Organización y argumentación textual aplicadas al género ‘columna periodística’”. De esta manera, expone los contextos de la colaboración desarrollada entre PIBID y Extensión. El taller desarrollado fue una colaboración entre “pibidiano” y “extensionista”, ambos matriculados en la asignatura LET 438 (Géneros Discursivos) y estudiantes de Letras en la Universidad Federal de Viçosa, siendo también una reflexión sobre las posibilidades de aplicación de la extensión universitaria. Para la realización del taller, se basó en teorías sobre los géneros discursivos, según Bakhtin (2010), en las nociones textuales propuestas en Abreu (1994), Costa Val (1994) y García (2015). El taller tuvo como objetivo mejorar habilidades textuales vinculadas a la argumentación y organización textual a través de la lectura y el conocimiento sobre la “columna periodística”. Para lograr este objetivo se utilizó la metodología de “secuencias didácticas”, según Barbosa (2017). La aplicación del taller ocurrió en una escuela beneficiada con PIBID de la red estatal de Viçosa (MG). A partir de los resultados, se puede ver cómo es posible promover una visión crítica sobre producciones mediáticas y cómo el género “columna periodística” es un puente para la enseñanza de la argumentación.

Palabras clave: Géneros Mediáticos. Argumentación. Enseñanza de Lengua Portuguesa.

Introdução

O presente trabalho visa relatar uma experiência didática vivenciada pelos autores durante o curso em sua atuação como então “pibidiano” e “extensionista” em uma escola da rede estadual em Viçosa - MG. Durante este texto, serão descritos os passos e debates ocorridos nos processos de desenvolvimento e aplicação da oficina denominada “Organização textual e argumentação aplicadas ao gênero ‘coluna jornalística’”. Ademais, esta produção também tem como objetivo descrever a parceria desenvolvida entre o PIBID-Língua Portuguesa da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e os extensionistas da disciplina LET 438 (Gêneros Discursivos), assim, desenvolvendo dados e expondo possibilidades para atuação da extensão em cursos de licenciatura.

Faz-se necessário realçar que não se trata de uma experiência relacionada – ao menos, não de forma intencional – à Linguística Aplicada propriamente dita. Desse modo, não há referências às teorias e às nomenclaturas próprias desta área da Letras, mas sim às teorias dos gêneros discursivos, como exposto em Bakhtin (2010), e em conformidade com os padrões de ensino exigidos pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017), além – é claro – das ideias desenvolvidas pela Linguística Textual. Desta maneira, trata-se de um experimento voltado, por um lado, ao “ensino de como lecionar segundo a BNCC” para os autores, que, através da experiência, adquiriram conhecimentos teóricos e práticos acerca do ensino. Por outro lado, trata-se também de um experimento de aprimoramento de capacidades textuais por parte dos alunos da escola da rede estadual que foram alvos da oficina, buscando, desse modo, o preenchimento de lacunas observadas (durante a atuação do PIBID no ambiente escolar) sobre o conhecimento em Língua Portuguesa em aspectos textuais.

Deste modo, este texto se encontra dividido em quatro partes. Na primeira parte, “ContextoS de Produção”, é contextualizada a situação em que se viu a possibilidade de

uma atuação conjunta entre a disciplina LET 438 (Gêneros Discursivos) e o PIBID – Língua Portuguesa (UFV) através de uma parceria entre extensionistas e pibidianos. Na segunda parte, “Desenvolvimento ou fase laboratorial”, são dedicados espaços relacionados ao modo como se seguiu as decisões para a formulação da oficina, os objetivos propostos, a revisão de literatura realizada, a metodologia e o procedimento de apresentação “laboratorial”. Na terceira parte, “Resultados e Discussão”, é relatada a experiência em sala de aula vivida durante a aplicação da oficina, realçando os aspectos positivos e negativos da experiência. Por fim, na quarta parte, “Conclusões”, são analisados os resultados dessa atividade relacionando-os com a formação de professores que os alunos do curso de Letras da UFRV vivenciam, com destaque para a influência desta vivência nos autores do texto.

Contextos de Produção

Antes de ser iniciado propriamente o relato do processo didático, faz-se necessário estabelecer com leitor em quais contextos ocorreram a produção da oficina. Destaca-se o “S” em “contextos” – com o perdão à gramática normativa – pois há a necessidade de exaltar a pluralidade dos diversos fatores que culminaram na produção desta oficina. Nesta parte, é relatado como ocorreu a parceria PIBID – Língua Portuguesa com a disciplina LET 438 (Gêneros Discursivos), ressaltando as diferentes posições (pibidiano e extensionista) e como a produção contou com essa ampla colaboração. Além disso, esta seção destaca também a relação entre o espaço universitário (UFV) e o espaço escolar (escola estadual) que se propôs estabelecer através dessa atuação.

Devido às recentes mudanças nos currículos de graduação, com destaque para a resolução nº 7 de 18 de dezembro de 2018, estabeleceu-se a necessidade de somar a extensão às diversas cadeiras dos inúmeros cursos do ensino superior. Nesse aspecto, sendo uma licenciatura, o curso de Letras da Universidade Federal de Viçosa teve instauradas, por consequência, diversas atividades extensionistas ligadas à prática didática, logo, às salas de aula de escolas de Viçosa e região. Dentre essas ações que visavam o aumento da extensão universitária no curso de Letras da UFV, destaca-se a porção de horas de diversas matérias (sejam optativas ou obrigatórias) reservadas para “horas de extensão” a partir do catálogo de 2023 e a inclusão da disciplina LET 397 (atividades de extensão para o curso de Letras), de modo análogo à disciplina “Atividades completantes”. Assim, observa-se como a extensão ganhou um relevante novo espaço na vivência universitária dos graduandos em Letras da UFV.

Entretanto, devido aos ataques (e ameaças de ataques) às escolas vistos ao redor do Brasil durante o ano de 2023, diversas ações restringiam a entrada de “corpos estranhos” (como universitários) nesses locais, que se constituem um espaço ímpar para a extensão universitária de cursos de licenciatura. Assim, surgiu uma questão: “como adentrar nas escolas com segurança e garantindo à escola que os extensionistas eram

forças colaborativas?” A parceria com o PIBID, uma instância já presente na escola e com vínculo universitário, aparece como uma possível solução para este problema!

De um lado, um pibidiano com vivência na turma, já adaptado à escola e já conhecido pela professora e funcionários; do outro, um extensionista que, junto ao pibidiano, construiria as oficinas previstas para serem realizadas no PIBID. Como resultado, as necessidades se convergiram, fazendo desta uma parceria possível entre pibidianos (principalmente dos núcleos de Língua Portuguesa) e os extensionistas da disciplina LET 438 (Gêneros Discursivos). Ademais, também se destaca que as oficinas são atuações previstas nas atividades nas escolas onde se encontram núcleos do PIBID e que a atividade de extensão em escola representava parte significativa da nota final da disciplina LET 438 (e parte fundamental de seu plano de curso). Destaca-se também que os pibidianos foram aconselhados a realizar a disciplina previamente por sua importância para formação e que somente os matriculados na disciplina LET 438 (Gêneros Discursivos) participaram da parceria proposta entre pibidianos e extensionistas.

Por fim, para compreender a formação dessa parceria e da oficina, é necessário retomar um conceito bakhtiniano: a polifonia. Tal conceito pode ser entendido como:

A polifonia é aquela ‘multiplicidade de vozes e consciências independentes e iniscíveis...’ cujas vozes não são meros objetos do discurso do autor, mas ‘os próprios sujeitos desse discurso’, do qual participam mantendo cada uma sua individualidade caracterológica, sua imiscibilidade (Bezerra, 2005, p. 198).

Este texto e a oficina realizada – assim como as demais produções didáticas – trata da presença de diversas vozes manifestadas na produção de um enunciado. Assim, faz-se necessário destacar diversas colaborações presentes para a realização da oficina: ressalta-se-se, antes de tudo, a colaboração da professora da turma em que a oficina foi aplicada, que – com seu exemplo – nos guiou para sabermos como nos adequar ao espaço da sala de aula. Também os teóricos citados ao longo do texto tiveram papel basilar para a contribuição da formação da oficina e, mesmo que não citados em sala de aula, estavam presentes conceitualmente em nossas falas.

O projeto foi aplicado em uma escola estadual de Viçosa (MG), instituição que contempla estudantes do Ensino Fundamental I (1º a 5º ano), Ensino Fundamental II (6º a 9º ano) e Ensino Médio (1º a 3º ano) da cidade mineira e região. A instituição de ensino foi contemplada através da segunda chamada do edital PIBID-2022, inaugurada no primeiro semestre de 2023, com diversos iniciantes à docência (IDs ou “pibidianos”) relativos à disciplina de Língua Portuguesa que atuaram nos mais diversos anos.

Nesse sentido, uma turma de 2º ano do ensino médio foi selecionada para aplicação do projeto. A sala em questão foi observada desde o início das atividades do membro pibidiano da dupla (um dos autores do texto) na escola e diversas produções textuais foram analisadas ao longo do tempo e, por consequência, dificuldades dos alunos ligadas à disciplina de Língua Portuguesa foram percebidas. Neste caso específico, dificuldades relacionadas à produção textual de redações. Nesse aspecto, a proposta de

oficina visou também impactar os alunos no que tange à preparação para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), prova de grande importância para muitos estudantes. É necessário lembrar que esses alunos fazem parte da geração que teve seu ensino fundamental afetado com o período pandêmico, o qual causou lacunas em repertórios exigidos para os avanços dos conteúdos previstos em sala de aula e também em vestibulares e provas de outras naturezas. Logo, uma intervenção em uma turma com essas características se mostra especialmente interessante.

Ademais, a oficina também foi uma forma de aproximar os laços entre o espaço universitário (UFV) e a comunidade local (no caso, a escola da rede estadual). É necessário esclarecer que essa oficina, como nenhuma atuação do PIBID ou da extensão, deve ser vista de modo assistencialista. A visão aqui não é de um “Olimpo Universitário” que tudo sabe e tudo pode auxiliando um “comunidade incapaz e necessitada”, de modo algum. Trata-se de uma atividade que enxerga a relação universidade-comunidade como mutualista (pegando de empréstimo termos próprios da biologia). Durante toda a formulação e aplicação, a visão guia foi de que esta atividade visava utilizar os conhecimentos gerados nos espaços acadêmicos com o diálogo com as necessidades do espaço escolar (no caso, uma turma) para realizar uma contribuição que fosse agregadora para ambas as instâncias: aos universitários, geraria conhecimento prático de sala de aula (lembrando que os universitários tratam-se de licenciandos, ou seja, futuros professores), um saber este que só seria possível ao final do curso, já nos estágios, se não fosse o PIBID e a Extensão; ademais, também para os alunos da sala em que seria aplicada a oficina, seria uma oportunidade de rever conceitos, tirar dúvidas, ter um espaço para outras didáticas e dinâmicas. Em suma, uma ação que beneficiava ambos os lados, onde há uma troca de saberes sendo desenvolvida, e não um mero “assistencialismo”.

Por fim, em relação ao tempo, a oficina teve sua elaboração entre os meses de agosto e outubro de 2023 e sua aplicação ocorreu em novembro do mesmo ano. Entretanto, como já citado, diversas experiências anteriores a esse período foram de suma importância para sua realização. Também deve-se destacar que foi desenvolvida em dupla e, como se tratou de uma atividade avaliativa de uma disciplina, acompanhada por um professor. De certo, a produção e aplicação da experiência apresentada teve um tempo de formulação menor devido a essas condições de produção.

Desenvolvimento ou fase laboratorial

O ponto inicial da oficina se deu pela formação das duplas (pibidiano-extensionista), através da disciplina LET 438 (Gêneros Discursivos). Após a formação, os membros decidiram qual tema seria escolhido para suas oficinas. No caso dos autores, foi decidido – logo de início – que seriam abordados tópicos relativos às práticas textuais (ou de leitura, ou de produção), visto que (dentro das matérias que até então haviam cursado) os conhecimentos mais aprofundados que possuíam à época pertencem à Linguística

Textual. Feito essa decisão, foi necessário escolher qual tópico dentro dessa área da Letras iria ser abordado e qual gênero melhor encapsularia este tópico.

Pensando nas necessidades da turma, após alguns meses do membro pibidiano em sala de aula, observou-se algumas dificuldades em produções textuais do gênero “Redação do ENEM”. Dentre os problemas analisados, a organização das ideias nos parágrafos, a má relação entre elementos e a dificuldade na seleção dos argumentos se mostraram algumas das dúvidas mais frequentes que atuam no campo da Linguística Textual, isto é, ignorando os problemas ortográficos, semânticos, sintáticos, morfológicos, etc. observados. Assim, propôs-se um projeto que potencializasse os conhecimentos em produções de textos argumentativos. Esses saberes que seriam potencializados não seriam propriamente entendidos como “coerência” ou “coesão”, pois foi acreditado que aspectos organizacionais (disposição em parágrafos, construção dos parágrafos, seleção das ideias) se mostravam uma base mais interessante de se trabalhar do que conceitos mais avançados, como a coesão textual e a coerência.

Como gênero argumentativo escolhido para encapsular os conceitos propostos para a oficina, optou-se pela coluna jornalística. Este gênero típico do Discurso Midiático se mostra pertinente ao tema pela sua carga argumentativa, visto que não se trata da exposição de fatos (como é comum na notícia), mas sim de uma materialização textual de um ponto de vista. Dessa forma, o uso desse gênero se mostra pertinente, pois é necessário que os alunos, enquanto leitores, compreendam a diferença deste para os demais gêneros jornalísticos que circulam em espaços físicos e digitais. Também é válido destacar as potencialidades para análise das relações entre frases e entre parágrafos nesse tipo de texto para a construção do sentido no texto. Além disso, a coluna jornalística pode ser uma ponte para o ensino de produções textuais argumentativos.

Antes de adentrar na sala de aula, os alunos da disciplina LET 438 desenvolveram diversos conhecimentos sobre os gêneros do discurso através de exposições teóricas, leituras de textos e debates. Após a exposição de partes teóricas relativas aos principais conceitos que circundam os gêneros do discurso e das principais normas da BNCC (BRASIL, 2017), foi desenvolvido um “Projeto de Oficina”. O projeto foi corrigido pelo professor discente da disciplina LET 438 e lapidado para ser potencializado, em seguida, foi apresentada uma versão “laboratorial” da oficina, isto é, os membros de cada dupla apresentaram suas oficinas em sala de aula – onde foi possível identificar “pontos críticos” por parte do professor – para, em seguida, apresentarem na escola em que o membro pibidiano então atuava.

Em seguida, serão destacados: o referencial teórico utilizado; os objetivos previstos na oficina, a metodologia utilizada (uma versão que sofreu leves alterações após a fase laboratorial) e comentários relevantes sobre a fase laboratorial.

Dos Gêneros Discursivos e da Linguística Textual

Quando se coloca a questão dos “gêneros discursivos” no horizonte, observa-se uma longa tradição de estudos. Neste aspecto, Bakhtin (2000) desenvolve uma nova definição para o conceito de gêneros discursivos até o seu momento, uma definição que incluiu o “sujeito” como um novo elemento basilar para a compreensão deste fenômeno. Segundo o linguista russo, “evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (Bakhtin, 2010, p. 261-262). Assim, a entrada no sujeito entra como parte essencial da análise dos gêneros. Os gêneros passariam, a parte de então, a serem compreendidos a partir do uso social que se faz da língua(gem), dessa forma, na análise de textos, compreender o gênero que ele (o texto) manifesta é compreender seu uso social.

Na proposta de classificação dos gêneros jornalísticos de Medina (2001), a coluna é enquadrada como um gênero opinativo, considerada totalmente subjetiva e contendo opiniões de colaboradores e editores. Nessa mesma proposta, gêneros como o editorial, o comentário, o artigo, a resenha ou crítica, a carta e a crônica são também classificadas dentro do grupo dos gêneros opinativos. Em conformidade a isso, Costa (2001) categoriza o gênero coluna como um gênero comum de jornais e revistas, possuindo menos formalidade e sendo uma sessão especializada, possuindo mais aspectos livres e pessoais. Outro aspecto relevante é que, ao contrário da notícia e da reportagem, a coluna é um gênero que não visa, exatamente, relatar um fato ou ocorrido e, por muitas vezes, tem como mote inicial não precisamente informar, mas sim defender uma visão ou apenas entreter, isso quando não ambos. Além disso, a coluna possui espaço para uma variedade estilística de diversos outros gêneros. Pensando sua estrutura, a coluna possui um título ou cabeçalho e um “corpo do texto” como elementos essenciais. Entretanto, não é incomum que a coluna fagocite elementos típicos de outros gêneros dos mais diversos discursos, como o relato, o conto maravilhoso, a carta, o poema, etc.

Pensando o discurso que é produzido e que tem a mídia como origem, Oliveira (2015, p. 51) categoriza o Discurso Midiático como o “[...] que se refere aos discursos expressos nos meios de comunicação que refletem ideias, sentidos, significados e questões ideológicas da mídia, também enquanto instituição social”. Isto é, os gêneros e textos pertencentes a esse discurso carregam com si as visões ideológicas de membros da instância midiática através de suportes midiáticos, como jornais, revistas, canais televisivos, rádios, redes sociais, etc. Assim, compreender os processos discursivos possibilitados pela mídia é elementar na análise dos textos midiáticos.

Os gêneros se manifestam na forma de textos, por isso a ideia de texto se faz o terceiro elemento primordial para a compreensão da coluna. Segundo Abreu (1994):

[...] ouvir ou ler um texto é muito mais do que entender o que está dito ou escrito. É conseguir também, a partir do nosso conhecimento do mundo, que chamarei aqui de repertório, perceber as intenções (enunciação) que o emissor tece, quando elaborou ou codificou seu texto. Dizemos que, quando o ouvinte ou o leitor foi capaz de realizar esse percurso: ouvir ou ler o texto, associando-o à intenção/enunciação do emissor, ele conseguiu decodificar esse texto (Abreu, 1994, p. 10).

Além disso, o autor completa esta ideia em “[...] podemos dizer que o texto é um produto da enunciação, estático, definitivo e, muitas vezes, com algumas marcas da enunciação que nos ajudarão na tarefa de decodificá-lo” (Abreu, 1994, p. 11). Desse modo, entende-se que o texto é muito mais que um conjunto de palavras. Logo, o texto seria uma unidade de sentido.

Os diversos fatores que influenciam na produção textual devem ser levados em consideração no momento de análise. Pensar quem escreve o texto e para quem o escreve é um dos aspectos essenciais, pois:

[...] o produtor de um texto tem, necessariamente, determinados objetivos ou propósitos, que vão desde a simples intenção de estabelecer ou manter o contato com o receptor até a de levá-lo a partilhar de suas opiniões ou a agir ou comportar-se de determinada maneira (Koch, 1990, p. 79).

Tal concepção entra em consonância com a definição proposta por Costa Val: “Antes de mais nada, um texto é uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função identificável num dado jogo de atuação sociocomunicativa” (Costa Val, 1994, p. 3-4). Assim, nota-se uma já sólida visão na Linguística Textual que relaciona o texto com um espaço de interação e de construção de sentidos e saberes.

Voltando ao gênero “coluna jornalística”, como exposto anteriormente afim às ideias de Medina (2001), este gênero é enquadrado como argumentativo. Nesse sentido, segundo Garcia (2015), “argumentar é, em última análise, convencer ou tentar convencer mediante a apresentação de razões, em face da evidência das provas e à luz de um raciocínio coerente e consistente” (Garcia, 2015, p. 195). Assim, a argumentação pode ser entendida como o processo de uma declaração e as evidências dessa declaração, isto é, provas que sustentem a declaração, os tipos mais comuns são os exemplos, as ilustrações, os dados estatísticos e o testemunho.

A argumentação dialoga com a forma da organização textual que o texto opta por usar. Não é raro que um parágrafo exemplifique a declaração, ou use uma generalização, ou seja uma coletânea de dados estatísticos que defendam um ponto de vista. Neste sentido, segundo Figueiredo (1995), a construção de parágrafos é um movimento de organização e desenvolvimento de ideias, que devem se ligar umas às outras. Nas produções escritas em prosa, os parágrafos são parcelas, ou blocos, do texto, que devem ser conectados, não devem ser unidades estáticas isoladas, mas sim parcelas que progressivamente compõem um todo.

Um aspecto importante para a argumentação é a disposição que as ideias são colocadas no textos, isto é, o modo de apresentação dos argumentos e as relações entre eles. Para garantir essa organização das ideias, diversos textos contam com uma estrutura interna no parágrafo. Sendo os parágrafos um grupo de períodos, um deles governa os demais, a ideia principal governa, assim, as ideias adjacentes, formando uma unidade (Figueredo, 1995). Dessa forma, concebe-se a ideia de “parágrafo padrão”, possuindo dois princípios: a) todas as ideias devem orbitar uma ideia central; b) os parágrafos devem se relacionar entre si.

Além disso, há diversos tipos de parágrafo: introdutório, expositivo, argumentativo, conclusivo, descritivo e narrativo (Figueiredo, 1995). Ademais, esses diversos tipos podem se subdividir em parágrafos para definir algo, comparar uma ou mais ideias, contar uma anedota, relacionar causa e efeito, dividir, eliminar uma das alternativas, classificar, enumerar, entre diversos outros movimentos. Em síntese, um parágrafo é uma unidade que compõe o texto, mas além disso, também é um elemento textual auxilia na arquitetura argumentativa das ideias que o texto expõe.

Escolha das colunas: processo e método

Feita a escolha do gênero discursivo que seria usado na oficina, foi necessário, em seguida, procurar por exemplares de textos pertencentes a este gênero. O primeiro embate era decidir se o texto seria de fonte digital ou impressa. Desse modo, optou-se por um texto *on-line* por dois motivos: em primeiro lugar, pela maior facilidade de busca e acesso a esses textos, inclusive de modo legal disponibilizado pelos autores e jornais; em segundo lugar, pelo consumo de materiais digitais por parte dos jovens da turma ser maior que o de jornais físicos pelo observado em conversas entre alunos, que sequer citavam mídias físicas, ao passo que redes sociais e sites da web eram muito mais presentes em suas falas.

Decidida a questão do meio (físico ou digital) em que o texto estaria disponibilizado, foi necessário a leitura de diversas colunas jornalísticas de jornais *on-line*. Nesse aspecto, optou-se pela seleção ocorrer em jornais de grande visibilidade, como G1, R7, Folha de São Paulo, Agência Brasil, etc., por serem muitas vezes os primeiros resultados das buscas em navegadores, além de reconhecimento, por partes dos autores, desses veículos como fontes de informação legitimadas socialmente. Outro aspecto se mostrava produtivo nessa escolha: os jornais visitados apresentavam uma seção específica para as colunas jornalísticas, facilitando o processo de escolha.

Entretanto, durante a leitura, houve dois obstáculos relevantes na escolha: os termos e os temas. Sobre os termos, algumas colunas se mostravam muito interessantes e produtivas, mas continuam termos de baixo calão, como palavrões e palavras obscenas, se mostrando inadequados para o uso em espaços escolares. Mesmo sabendo que muitas vezes essas palavras já estão no vocabulário dos alunos, não nos pareceu adequado

utilizar textos que contem tais termos, podendo gerar “burburinhos” ou divagações durante a oficina. Sobre os temas, muitas colunas contiam temáticas tidas como “polêmicas”, ligadas ao mundo da política, das drogas ou do sexo, e, mesmo se mostrando deveras produtivas, foi preferido evitar esses materiais para evitar divagações nas aulas ou até mesmo reclamações sobre “aulas ideológicas”. Em síntese, buscamos por textos que tivessem um tema menos polêmico e que não possuíssem termos inapropriados para esses espaços.

Outro problema surgiu no horizonte enquanto ocorreu a busca pelos materiais: a extensão dos textos. Colunas jornalísticas não são textos enormes, como poderia ser um romance ou uma epopéia, mas também não são textos extremamente curtos, como os *slogans* ou as manchetes, e isso é algo que se mostrou fundamental para a escolha. Sabido que havia apenas uma aula (50min) para a realização da oficina, era necessário levar em conta que as leituras dos textos, bem como a parte teórica e o espaço para debates e respostas, deveriam obrigatoriamente ocupar o espaço máximo de 50 minutos. Sabendo que a leitura de uma única coluna se mostrava insuficiente para uma compreensão inicial deste gênero discursivo, mas que a leitura de várias se provava inviável, optou-se pelo número de duas colunas para a composição da oficina. Antes da aplicação da oficina, foram realizadas as leituras dos textos para computar um tempo médio de leitura e este número se provou bem eficiente para o tempo de uma aula.

Após a árdua leitura de diversas colunas, os textos “O show de horrores da moda da década de 1970” (Castro, 2023) e “A vida de viciados em refrigerante é uma ressaca moral sabor tutti frutti” (Braune, 2022) foram selecionados como os ideais para o uso na oficina. Ambos os textos estão disponíveis pela Folha de São Paulo e podem ser localizadas na seção própria para as colunas do jornal. O texto de Castro (2023) é centrado no tema da moda e relata, de forma bem humorada, como há uma tendência de se achar o passado algo belo e melhor comparado ao presente, mas, na realidade, esse passado idealizado nem sempre é tão belo assim, utilizando a moda como ponto basilar de sua argumentação. O grande “charme” para o estudo da argumentação no texto é a compreensão da gosto pela moda como algo subjetivo, isto é, as coisas “feias” elencadas pelo autor podem ser facilmente admiradas por outras pessoas. Desse modo, cabe ao colunista argumentar porque em sua visão a moda desse período é um “show de horrores”. Já o texto de Braune (2022) se centra numa experiência individual (imagina-se da autora) ligada ao não consumo de bebidas alcoólicas, mais especificamente, uma espécie de “tratamento infantil” para com adultos que não consomem álcool. Assim, o “charme” para o estudo da argumentação com esse texto centra-se na compreensão de que essa visão pessoal de mundo será defendida através de diversas estratégias argumentativas.

Objetivos da oficina

A oficina realizada possuiu como objetivo geral:

- Aprimorar habilidades textuais ligadas à argumentação e organização textual através da leitura e de conhecimentos sobre o gênero coluna jornalística.

A fim de alcançar este objetivo, foram definidos os seguintes objetivos secundários

- Realizar a leitura conjunta do texto “O show de horrores da moda da década de 1970” (Castro, 2023) e do texto “A vida de viciados em refrigerante é uma ressaca moral de sabor tutti frutti” (Braune, 2022);
- Exemplificar, utilizando o primeiro parágrafo, os conceitos de “ideia principal”, “ideias secundárias” e “argumentos”.
- Promover debates sobre a questão proposta no texto e refletir sobre a estrutura argumentativa do texto.
- Promover debates sobre os textos jornalísticos, pensando na sua função social e suas estruturas, estilos e temas.
- Aprimorar as seguintes habilidades previstas pela BNCC (Brasil, 2017):

“(EM13LP02): Estabelecer relações entre as partes do texto, tanto na produção como suas condições na leitura-escuta, considerando a construção composicional e o estilo do gênero, usando-reconhecendo adequadamente elementos e recursos coesivos diversos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática, e organizando informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico-discursivas envolvidas (causa-efeito ou consequência; tese-argumentos; problema-solução; definição-exemplo etc)” (Brasil, 2017, p. 498).

“(EM13LP38) Analisar os diferentes graus de parcialidade/imparcialidade (no limite, a não neutralidade) em textos noticiosos, comparando relatos de diferentes fontes e analisando o recorte feito de fatos/dados e os efeitos de sentido provocados pelas escolhas realizadas pelo autor do texto, de forma a manter uma atitude crítica diante dos textos jornalísticos e tornar-se consciente das escolhas feitas como produtor” (Brasil, 2017, p. 511).

“(EM13LP05) Analisar, em textos argumentativos, os posicionamentos assumidos, os movimentos argumentativos (sustentação, refutação/ contraargumentação e negociação) e os argumentos utilizados para sustentá-los, para avaliar sua força e eficácia, e posicionar-se criticamente diante da questão discutida e/ou dos argumentos utilizados, recorrendo aos mecanismos linguísticos necessários” (Brasil, 2017, p. 498).

“(EM13LP07) Analisar, em textos de diferentes gêneros, marcas que expressam a posição do enunciador frente àquilo que é dito: uso de diferentes modalidades (epistêmica, deontica e apreciativa) e de diferentes recursos gramaticais que operam como modalizadores (verbos modais, tempos e modos verbais, expressões modais, adjetivos, locuções ou orações adjetivas, advérbios, locuções ou orações adverbiais, entonação etc.), uso de estratégias de impessoalização (uso de terceira pessoa e de voz passiva etc.), com vistas ao incremento da compreensão e da criticidade e ao manejo adequado desses elementos nos textos produzidos, considerando os contextos de produção” (Brasil, 2017, p. 499).

Metodologia

Pensando nos conceitos abordados ao longo da disciplina LET 438 (Gêneros Discursivos) e no método proposto em Barbosa (2017), foi aplicada a metodologia de ensino de leitura através de sequências didáticas, no caso, divididas em três fases: 1) a contextualização da leitura (parte mais teórica); 2) a realização da leitura; 3) a mobilização de conhecimentos estruturais, textuais e genéricos ao texto escolhido, além do estímulo a debates sobre o texto (parte mais prática). A primeira etapa visou preparar os alunos para o processo de leitura, guiando esse processo através de perguntas geradoras, a segunda etapa foi o processo de leitura, planejada como inicialmente individual, em silêncio, e posteriormente por um aluno voluntário em voz alta, por fim, na última etapa, os estudantes responderam às perguntas geradoras oralmente.

Para a primeira etapa, foram selecionadas às seguintes perguntas geradoras³, a fim de focalizar o processo de leituras em certos elementos do texto:

- (1) O texto retrata um fato ou uma opinião? Se um fato, qual? Se uma opinião, qual?
- (2) Qual(is) é(são) o(s) argumento(s) do texto para prover seu ponto?
- (3) Quais estratégias são usadas ao longo do texto?
- (4) Como a organização dos parágrafos contribui para defender sua tese?

Cada pergunta tem como objetivo verificar uma diferente capacidade do processo de leitura. As perguntas (1) e (2) são as perguntas com maior destaque, pois, erros interpretativos nestas resultam em problemas nas perguntas seguintes. É necessário destacar que as perguntas então mais direcionadas ao aspecto formal do texto, entretanto, visou-se chegar em debates acerca da atuação da mídia em nossa sociedade através das perguntas geradoras acima. Assim, há “perguntas escondidas”, que foram propostas durante a resolução de outras perguntas, como “Um texto jornalístico sempre retrata apenas fatos?”, “Onde o texto foi publicado?” (destaca-se que na impressão havia o link da reportagem original), “Quem publicou o texto?”. Tais questionamentos partiram a partir das respostas dos alunos à questão (1) e visaram propor a análise do texto não apenas em seu aspecto formal, mas também em seu contexto de produção.

Após a preparação da leitura (apresentação das questões e espaço para dúvidas por partes dos alunos), foi feita a leitura do texto “O show de horrores da moda dos anos 70” (Castro, 2023). O texto foi entregue impresso para cada aluno. A leitura foi, inicialmente, individual em silêncio e, posteriormente, idealmente seria lida publicamente por um aluno que se voluntariaria (após alguma insistência nossa), entretanto, essa expectativa não se efetivou, fazendo com que a leitura do texto fosse feita pela dupla de autores.

³ Inicialmente, haveria a pergunta “Qual a tese do texto?”, entretanto, após o teste laboratorial, viu-se que a pergunta compreendia conhecimentos prévios que os alunos poderiam não ter – e que não seriam o foco desenvolver – e conseqüentemente poderiam causar mais confusões interpretativas que progressos.

Com o auxílio do quadro, foi iniciada, então, a terceira etapa. Os alunos foram estimulados a falarem suas respostas oralmente, as respostas foram anotadas no quadro e discutidas. Nesse momento, foram debatidos os conceitos de coluna e seu papel na sociedade, além da organização textual, pensando em como o texto organiza suas ideias e argumentos. Por fim, foi exposta a ideia de “parágrafo padrão” e os alunos foram levados à reflexão se o texto se enquadra nesse modelo. Foi solicitado que os alunos encontrassem um trecho do texto que se caracteriza como “desvio” à ideia de parágrafo padrão⁴.

Como ainda havia tempo hábil, realizou-se novamente essa sequência aplicada ao texto “A vida de viciados em refrigerante é uma ressaca moral de sabor tutti frutti” (Braune, 2022), visto que a turma se mostrou produtiva e o desenvolvimento da oficina ocorreu como planejado. Não foi necessário contextualizar a leitura dessa vez, pois se tratavam das mesmas perguntas. Também foi realizada a leitura coletiva, entretanto, a leitura individual não pode ocorrer devido ao tempo.

A oficina foi aplicada no dia 10/11/2023, em uma escola estadual em Viçosa – MG. Para a análise dos resultados, todas as respostas fornecidas oralmente foram analisadas e as reações dos alunos em relação à oficina; ao texto e ao gênero escolhido, sendo avaliadas as maiores dificuldades e os progressos apresentados. Deste modo, não houve atividade escrita e produções textuais, visto que a atividade se concentrava na participação oral dos alunos.

Comentários sobre o laboratório de ensino

Pensando na experiência didática, ao olhar para trás e ver todo o processo que resultou nela, é necessário pontuar como a fase laboratorial se mostrou um aprimorador para a oficina aplicada. Ter a experiência de aplicar a oficina e ser avaliado – não só no sentido de distribuição de pontos, mas também de sofrer comentários, mostrou-se uma vivência muito positiva, pois possibilitou uma demonstração do tempo gasto em cada etapa, pontos na explicação que necessitavam aprimoramento e, assim, nos possibilitando melhores resultados na aplicação em sala. Ter a disciplina LET 438 como um “laboratório de ensino”, com toda certeza, nos garantiu maior segurança na execução da oficina, logo, sendo um modelo muito produtivo para treinos e aprimoramentos de práticas didáticas.

Isto ocorreu porque há sempre uma faceta de imprevisto numa experiência comunicativa, uma parte que foge o imaginado. Nesse aspecto, explicações que acreditávamos estarem suficientemente claras, mas não estavam, foram reformuladas para melhor compreensão do conteúdo tanto das perguntas bem como dos elementos teóricos. Também “backgrounds” que não acreditávamos tão necessários, como algumas

⁴ Inicialmente, esta parte não havia sido colocada, foi adicionada visando maior participação ativa dos alunos.

contextualizações e melhor explicação de termos, foram incluídos após se mostrarem produtivos para a realização da oficina. Em suma, o laboratório de ensino lapidou falhas em nosso projeto, o que possibilitou uma melhor execução em sala de aula na escola da rede pública de Viçosa – MG.

Resultados e discussão

Como já exposto, a oficina se consistiu em uma parte mais teórica (preparo para a leitura e explanação de alguns conceitos) e uma parte mais prática (realização da leitura e ação de responder às atividades). Nesse aspecto, as reações dos alunos se mostraram distintas nas duas partes. Com relação à parte teórica, foram observados diversos olhares confusos, fazendo ser necessário um reajuste nos termos da explicação, destrinchando mais as perguntas e os conceitos. Com a parte mais prática, pelo contrário, os alunos se mostraram mais engajados e mais confiantes em suas respostas.

Sobre a atuação da sala, foi observada certa “resistência” por parte dos alunos, seja por timidez, seja desconhecimento do tema. Assim, demorou um pouco para que os alunos “se soltarem” e comecem a responder às questões. Em relação à leitura, o primeiro texto não teve voluntários para a leitura, sendo necessário que a dupla (pibidiano e extencionista) lesse o texto, entretanto, o segundo texto recebeu uma voluntária para a leitura, mostrando maior progresso em relação ao primeiro texto na aceitação da turma ao modelo da oficina. A leitura por parte da estudante se mostrou pausada e por vezes se perdia, o que acarretou em uma maior demora nessa etapa, mas isso, com base nas observações em sala, era algo imaginado, pois os alunos já tinham mostrado um fluxo de leitura mais vagaroso e “sem emoção” (muitas vezes não refletindo na oralidade aspectos prosódicos que dão “vida ao texto”) em outras ocasiões. Em relação às perguntas, foi mostrada maior dificuldade em relação às perguntas geradoras (3) e (4), a pergunta geradora (1) foi a com respostas mais rápidas e assertivas, entretanto, ao serem questionados sobre “por que era um fato/opinião?”, os alunos não manifestaram respostas. Também houve dificuldade na identificação na posição tomada pelos textos.

Ainda sobre as respostas, observamos alguns alunos utilizando aparelhos celulares durante a leitura e correção das perguntas de forma a “fugirem” da aula, algumas respostas labializadas (mas sem produzir som) e algumas gestuais (como balançar de cabeça e acenos). As que os alunos melhor se saíram foram relacionadas ao papel da mídia, justamente as “perguntas escondidas”, conseguindo identificar os textos como jornalísticos (mas não o gênero o qual pertenciam, algo imaginado já que falaram não conhecerem o termo “coluna”). Também se mostraram muito investidos nos questionamentos acerca do papel da mídia, com alunos identificando os textos como opinião, mas “vestido” como se fossem um fato, conseguindo identificar uma estratégia argumentativa por parte dos autores (apresentar uma opinião subjetiva sem marcas

pessoais como “eu acho”, “em minha visão” para parecer algo factual). Entretanto, em relação à parte organizacional, os alunos pareciam muito confusos ainda, não conseguindo identificar um desvio na construção dos textos segundo a Teoria do Parágrafo Padrão em nenhum dos dois textos, por isso, foi necessário a reexplicação dessa parte do conteúdo e demonstrar os alunos a falha na construção do texto.

Ao fim, com o incentivo da professora supervisora, numa atitude companheira e gentil, os alunos aplaudiram a dupla de autores que apresentou o projeto, num gesto de carinho. Tal fato foi uma surpresa positiva e cativante, passando uma sensação de “dever cumprido” aos realizadores, mostrando que a oficina, de modo geral, foi bem aceita pelos alunos e pela professora. Outro aspecto revelador dessa ação é a receptividade que a turma e a professora tiveram com a oficina, demonstrando que, mesmo sendo “corpos estranhos”, fomos bem recebidos.

De certo, essa experiência fornecida pela Extensão e pelo PIBID em muito somaram em nossa formação, sendo capazes de nos mostrar diversos aspectos comuns do ambiente escolar: fomos positivamente surpreendidos que respostas diretas e produtivas às questões que julgamos mais complexas e tivemos a necessidade de reformular perguntas que nos pareciam mais simples, sendo necessário, em tempo real, ter o “jogo de cintura” para se adaptar as reações da turma e replanejar nossos movimentos didáticos em sala. Sendo esse um tipo de conhecimento que só é gerado, geralmente, nos estágios, ao final do curso, e por isso muitas vezes adquirido de modo tardio, entretanto, um fragmento desse “saber docente” nos foi concedido graças a essa experiência.

Considerações finais

Através da experiência didática vivenciada, é possível observar que a proposta da oficina de articular, no nível da atuação, extensão e PIBID – Língua Portuguesa, bem como, no nível teórico, os conceitos de argumentação e organização e o gênero “coluna jornalística” se mostrou possível e produtiva. No campo da atuação, o diálogo entre o pibidiano (com conhecimento do perfil e das necessidades das turmas as quais está observando) e o extensionista (com, muitas vezes, outros repertórios de curso e conhecimentos para a formação da oficina) foi essencial para a elaboração da oficina, pois o contato entre uma visão interna e externa à escola possibilitou um compartilhamento de saberes e ideias que gestaram a oficina. Outro aspecto relevante para essa contribuição é o tempo, afinal, com mais pessoas com repertórios diferentes, foi possível avaliar mais colunas ao mesmo tempo, ao passo que também foi possível realizar a revisão de literatura em menor tempo, uma atividade que levaria mais tempo se realizada por apenas uma pessoa. Ademais, também é necessário frisar que, nesse arranjo pibidiano e extensionista, é viável a realização de mais oficinas nas escolas com temas mais diversos, uma vez que os pibidianos recebem auxílio da extensão, sendo viável a

realização em duplas com extensionistas, e não apenas em duplas entre dois PIBIDIANOS. Sobre a articulação entre os conceitos da argumentação e da organização textual com o uso do “gênero coluna”, esta foi uma união que “deu mais que certo”. Por intermédio do uso deste gênero, é plenamente realizável a explanação e conceitual dos principais conceitos relativos à organização textual e à argumentação, pois encontram-se no cerne do gênero “coluna jornalística”.

Ademais, o processo de elaboração e aplicação da oficina se provou muito contribuidor para a nossa formação docente. Todas as etapas, desde a concepção da ideia, passando pela revisão literária, aplicação no laboratório de ensino e aplicação na escola, contribuíram nos fornecendo experiência impírica com o processo docente. Desse modo, em futuras situações de ensino em que os autores se encontrarem, haverá uma série de influências nessa futura ação que germinaram através desta oficina. De certo, os conhecimentos gerados no campo teórico, através de leitura da BNCC (Brasil, 2017), das discussões realizadas na disciplina LET 438, como também nas reuniões do PIBID, forneceram uma base sólida não só para essa, mas como para as diversas situações em posição de professores. Também os conhecimentos a respeito do gerenciamento do tempo, do tratamento para com os alunos e a forma de se posicionar adequadamente para ocupar a posição de professor que está oficina nos proporcionou irão nos acompanhar durante toda nossa jornada no professorado.

Por fim, sobre o produto gerado na oficina, é notório que a oficina foi contribuidora para a turma, uma vez que houve o engajamento dos alunos para fomentarem os debates a respeito das produções midiáticas e que houve uma revisitação de conceitos relevantes para suas produções textuais, como a redação do ENEM (que os estudantes que desejem adentrar no ensino superior devem produzir). Assim, a oficina também dialogou com conhecimentos que os alunos irão mobilizar em diversos momentos de suas vidas como estudantes e como leitores, sendo este um modelo de intervenção do PIBID e da extensão nas escolas que se faz muito pertinente.

Referências

- ABREU, Antônio Suárez. **Curso de Redação**. São Paulo: Ática, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikahil Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BARBOSA, Lílian Paula Leitão; LEURQUIN, Evlf. **Sequência didática para o ensino da leitura. Ensino de Língua e Literatura: gênero textual e letramento**. Aracaju: Criação, p. 57-72, 2017.
- BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Bech (org); **Bakhtin: Conceitos-chave**. São Paulo: Ed Contexto. 2005. P. 191 -200. E-book. Disponível em: <https://www.bvirtual.com.br/NossoAcervo/Publicacao/3444>. Acesso em 4 de out. de 2023.
- BRAUNE, Bia. A vida de viciados em refrigerante é uma ressaca moral de sabor tutti frutti. **Folha de São Paulo**, 2022. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bia-braune/2022/09/a-vida-de-viciadosemrefrigerante-e-uma-ressaca-moral-de-sabor-tutti-frutti.shtml>. Acesso em: 29 de set. de 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília.DF: MEC, 2017.

CASTRO, Ruy. O show de horrores da moda da década de 1970. **Folha de São Paulo**, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2023/09/o-showdehorrores-da-moda-da-decada-de-1970.shtml>. Acesso em 29 de set. de 2023.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. São Paulo: Autêntica, 2018. E-book. Disponível em: <https://www.bvirtual.com.br/NossoAcervo/Publicacao/192458>. Acesso em 05 de out. de 2023.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FIGUEREDO, Luiz Carlos. **A redação pelo parágrafo**. Brasília: Ed. UnB, 1995.

GARCIA, Othon Moacir. **Comunicação em prosa moderna**. 27 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

KOCH, Ingedore Grünfled Villaça. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto. 1990.

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. **Revista Symposium**, ano 5, n. 1, p. 45-55, 2001.

OLIVEIRA, Samir Adamoglu do; SOBRINHO, Renata Maria Fragoso; Edson Ronaldo. Análise do discurso no institucionalismo organizacional: possibilidades a partir do discurso midiático. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 14, n. 1, p. 45-58, 2015.

VALE, Rony Peterson Gomes do. Algumas Contribuições a uma Análise do Discurso Científico. **Gláuks – Revista de Letras e Artes**, v. 17, p. 212- 220, p. 2018. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/11>. Acesso em 2 de out de 2023.

Recebido: 24.05.2024

Aprovado: 12.08.2024

Publicado: 22.08.2024